

A consciência do tempo no lugar¹⁷

The awareness of time in place

Vera Sanches Osório¹⁸

Resumo

Na concepção de arquitetura o «lugar» apresenta-se como o elemento primário, ou seja, como a base para o verdadeiro sentido no ato de construir. O tempo, elemento presente em qualquer espaço, pode ser encarado como um elemento relevante, que oferece características específicas a cada terreno, quer este esteja «vazio», com construção ou até mesmo repleto de várias presenças, quer sejam elas naturais ou não.

Projetar no lugar, tendo noção da sua especificidade, torna a concepção arquitectónica em plena concordância com o contexto, prevalecendo assim a identidade do «locus».

Palavras-Chave

Espaço, Lugar, Tempo

Abstract

In architectural design the «place» presents itself as the primary element, as the foundation for true meaning in the act of building. Time, as the element present in any area, may be regarded as a relevant, because it offers specific characteristics for each field, whether it is «empty», with the construction or even filled with various appearances, natural or not.

Design in the place, having a sense of its specificity, makes architectural design in full accordance with the context, prevailing, thus, the identity of the «locus».

Keywords

Space, Place, Time

Introdução

A noção de «lugar» e de «espaço» tem sido alvo de discussão ao longo dos tempos, tanto na escrita como na concretização de obras, construções, modelações do terreno, entre outras abordagens.

O Homem procura, desde sempre, o seu «espaço», ou o seu «lugar»? O abrigo, a construção primitiva, a casa, os espaços sagrados, correspondem a espaços ou a lugares?

A presente reflexão inicia-se com uma breve distinção entre estas duas noções, «espaço» e «lugar», referindo diversos autores que se dedicaram à compreensão desta problemática.

Dentro da ideia de lugar, a dimensão temporal representa um papel relevante. É através do «tempo», da sobreposição de tempos, que se encontram pistas que ajudam o Homem a interagir com o lugar. A procura pela «essência» do lugar defendida por Norberg-Schulz (1979) ajuda a interligar as várias dimensões nele presente, de modo a compreender como se pode projetar no lugar e com o lugar.

Assim sendo, este processo torna-se imperativo para os procedimentos iniciais de um projeto de arquitetura, o entendimento do denomina-

do «terreno de projeto», o «contexto», podendo este ser a base para a abordagem arquitectónica.

Esta reflexão termina com a das premissas do processo criativo de um projeto de arquitetura da autoria de Carlos Lameiro (1989) referente à valorização da Igreja de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra. Aqui, o «lugar» e o «tempo», desempenham, na concepção, papéis principais.

1. O Lugar

Fazendo uma breve viagem por algumas teorias provindas de várias áreas disciplinares como a matemática, a filosofia, a antropologia e a arquitetura, apesar de muitos utilizarem as palavras «espaço» e «lugar» para o mesmo significado, consegue-se entender em qual dos conceitos se inserem (*spatium* ou *raum*). Existe uma relação curiosa entre a ideia de *spatium* mais presente no sul da Europa e o conceito de *raum* que se encontra com mais recorrência no norte da Europa.

Parecendo a noção de «espaço» semelhante à ideia de «lugar», estas duas palavras, usadas frequentemente com o mesmo significado, podem corresponder a noções distintas, certamente in-

¹⁷ Texto revisto pela autora a partir do artigo realizado no âmbito da unidade curricular de Seminários de Investigação do plano de estudos do último ano do curso de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, sob orientação do Professor Associado Carlos Lameiro. O mesmo se integra na temática do Trabalho Final de Mestrado que está a ser presentemente desenvolvido (2015/2016). E-mail: verasosorio@gmail.com

¹⁸ Frequenta o Mestrado Integrado em Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

fluenciadas pela cultura. O «espaço», derivado da palavra latina *spatium* é entendido essencialmente como um conceito racional e abstrato, associado à extensão, às três dimensões, ao limite. Neste prevalece a noção geométrica, em que a ideia de lugar é universal. A *spatium* associa-se «dimensão visual» tão presente na tradição renascentista através do uso da perspectiva.

Em contrapartida, o «lugar», derivado da antiga palavra germânica *raum* encontra-se relacionado com o Homem, com as suas limitações e pensamentos, onde “é entendido como uma entidade material, determinada e com limites precisos” (Lameiro, 2011, p. 1), em que predomina o «habitar»¹⁹. Este lugar é apropriado pelo Homem em todas as suas valências, levando, no limite, à capacidade de o tocar, como se este transmitisse sensações de tal forma significativas que crie no indivíduo a vontade de fazer parte dele. Ao contrário da ideia de espaço, o lugar é particular, que se releva através da “experiência direta do ambiente” (Lameiro, 2011, p. 6).

No fundo, «espaço» apresenta-se como “uma condição ideal, teórica genérica e indefinida” enquanto «lugar» tem “(...) um carácter concreto, empírico, existencial, articulado, definido até aos detalhes”²⁰ (Montaner, 1998, p. 32).

Deste modo, para a noção de «*spatium*», as teorias realistas centram-se na ideia geométrica do possível significado da palavra, muitas vezes associando a matemática e a física. Segundo a Escola de Pitágoras, o espaço é “o vazio infinito que limita a esfera do cosmos” (Alves, 1989, p. 207). Para Platão, este elemento é considerado a matriz universal, o «princípio do ser», que recebe “as formas ideais dos corpos” (Alves, 1989, p. 207).

A percepção do espaço como lugar inicia-se na teoria do lugar - «Topos» - de Aristóteles, em que este, apesar de se basear na teoria de Platão, oferece-lhe uma dimensão diferente ao lhe associar um limite, contrapondo com as ideias anteriores de espaço abstracto e ilimitado. (Pires, 2008, p. 91-92). O espaço é a “matéria-prima”, intervalo corporal que pode ser ocupado por vários corpos físicos e que, em conjunto, criam um lugar, neste caso denominado de espaço (Muntañola, 1996, p. 20). Para Aristóteles, citado por Montaner (1998, p. 30-31), “o lugar é algo distinto dos corpos e todo o corpo sensível está num lugar (...) O lugar de uma coisa é a sua forma e limite.”²¹

Bachelard compreende o espaço através da geometria, do limite e do que este contém. Para o filósofo francês do século XIX, citado por Muntañola (1996, p.26) “o lugar aparece assim como

a primeira qualidade existencial, qualidade por onde o estudo deve começar e acabar.”²²

Nas teorias idealistas, Kant associa o espaço, pertencente ao indivíduo, representa-se como uma «forma pura a priori dos sentidos externos» (Alves, 1989, p. 208).

Na área da etnologia e antropologia, o «lugar», denominado por «lugar antropológico» por Augé (2005, p. 46), é essencialmente, “o princípio de sentido para os que o habitam e princípio de inteligibilidade para aquele que o observa”. É no lugar que os indígenas habitam, trabalham e se apropriam dos seus pontos fortes. O etnólogo encontra a ordem através da organização desse mesmo lugar (Augé, 2005, p.40).

Para Augé (2005, pp.47- 48), os lugares antropológicos apresentam três características comuns: a «identidade», as «relações» e a «história». Com estes três elementos o autor caracteriza o lugar como a relação que o indivíduo tem consigo próprio (identidade) e com os outros (relações). Afirma ainda que o lugar antropológico é “(...) histórico na medida exacta em que escapa à história como ciência”, sendo um lugar erigido por antepassados, onde “(...) o habitante do lugar antropológico vive na história, não faz história” (Augé, 2005, p.48).

Neste sentido, é de realçar que muitos são os autores que se preocupam com a distinção entre «espaço» e «lugar», estando entre eles Hegel, Heidegger e Bollnow. Hegel defende que “o lugar só é espaço quando é tempo, e só é tempo quando é espaço”²³ (Muntañola, 1996, p. 24). O filósofo alemão entende o espaço como uma “exterioridade imediata e indiferenciada da natureza” (Alves, 1989, p. 208), algo universal, que relacionado com a noção de «tempo» através da «matéria» origina o «lugar». Por sua vez, o «movimento» dará forma ao lugar, através da relação «espaço-matéria-tempo».

Segundo Heidegger (2002, p. 137) o lugar é «a coisa» que permite a existência e a circunstância da simplicidade, denominada pelo filósofo de «quadratura», entendida pelo céu, terra, divino e mortais²⁴, onde o lugar permite a existência da quadratura, edificando-a. É ao lugar que o Homem pertence uma vez que “a referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar”.

É de salientar ainda que para Heidegger o que caracteriza a arquitetura é a «ordem». A articulação com base na ordem oferece ao lugar uma identidade específica (Rivas, 1992, p. 38). Para o filósofo não existe a «representação». Quando se pensa num lugar, entramos nele e não na sua

¹⁹ Para Heidegger (2002, p.128), “habitar é o modo como os mortais são e estão sobre a terra.” O filósofo afirma «sobre» porque habitar tem inerente a noção de «resguardo» e «proteção», onde o Homem experiencia a liberdade e a harmonia.

^{20, 21, 22, 23} Tradução livre do autor.

²⁴ Como terra entende-se o que dá frutos, o sustento da dedicação. O céu corresponde aos acontecimentos naturais como o percurso do sol. Os deuses são os «mensageiros que acenam a divindade», enquanto os mortais são os Homens.

representação, uma vez que quando pensamos, pensamos na «essência do lugar».

Bollnow, discípulo de Heidegger, “liga a explicação do espaço à sua pertença ao mundo do quotidiano recolhido na sua linguagem” (Pires, 2008, p.94 a 99). O espaço, neste caso com a interpretação do conceito *raum*, tem a sua própria identidade e é o homem que, ao mover-se, o modifica. Para Bollnow, habitar significa, em primeiro lugar, “estar enraizado” no lugar, procurando a pertença a um determinado lugar. Em segundo lugar, habitar pressupõe um espaço próprio onde o Homem consiga se abrigar. (Rivas, 1992, p.26).

Assim sendo, o lugar reúne vários mundos como cultura, tempo, história, conseguindo ser uma forma para adquirir conhecimento, uma vez que alberga o passado, presente e futuro.

Neste contexto específico, torna-se pertinente referenciar Noberg-Schulz e Aldo Rossi que analisam a noção de lugar, abordando os conceitos «*genius loci*» e «*locus*».

Para Norberg-Schulz (1979, p. 6) “lugar é evidentemente uma parte integral da existência”²⁵, podendo este ser dotado do «*genius loci*», antigo conceito romano que corresponde ao espírito do lugar, em que os antigos associavam ao lugar características humanas que lhe ofereciam a sua «essência». O verdadeiro sentido é dado pelo que é próprio, individual, havendo um sistema de relações que determinam o que permanece.

Sendo um lugar algo humanizado, Norberg-Schulz acredita que é através da cultura que o Homem se relaciona com a realidade. Para entender o «*genius loci*», o autor destaca a relação entre três conceitos: a «identidade», como elemento de articulação de cada lugar, a «História», como consciência das mudanças no ambiente e na envolvente e a «tradição», como elemento que liga os dois conceitos anteriores (Rivas, 1992, p. 115).

Para Aldo Rossi o valor do lugar – do «*locus*» – corresponde à “relação singular e no entanto universal que existe entre uma certa situação local e as construções que estão naquele lugar” (Rossi, 1977, p. 139) onde o lugar é “determinado pelo facto espaço e pelo tempo, pela sua dimensão topográfica e pela sua forma, por ser sede de vicissitudes antigas e novas, pela sua memória” (Rossi, 1977, p. 143).

Dentro da história das várias culturas, pode-se assumir que desde sempre que o Homem procura este lugar, para a implantação da sua presença. As marcas do «habitar» podem ir desde obeliscos, menires, templos, praças, até às construções da contemporaneidade. A escolha do lugar foi sempre governada pelo seu significado,

pelo seu «*genius loci*», dando aos lugares valores divinos e únicos, que prevaleciam perante outros sítios. É neste «*locus*» que, a um espaço indiferenciado, se oferecem qualidades indispensáveis para a compreensão de uma organização urbana específica. Exemplo disso é o Forum Romano, descrito na obra *A Arquitetura da Cidade* (1977), em que Aldo Rossi faz uma descrição deste lugar como algo propício ao encontro dos homens. Apesar de a sua função sofrer mutações ao longo do tempo, a «ideia», o «uso essencial» de reunião mantém-se, existindo assim o «*locus*».

Já Muntañola (1996, p. 24) argumenta que, na cultura ocidental, “o lugar é cada dia mais e mais uma ‘cobertura’ em que os corpos se colocam sobre si mesmos”²⁶. Para o arquiteto catalão, a «cobertura» é a junção de novas correspondências entre falar e habitar, sendo também o símbolo da relação entre o espaço e o tempo de acordo com uma ordem socio física. Esta «cobertura» apresenta a forma do equilíbrio entre o que é conceptual e o que é figurativo, conseguindo assim transmitir limites para que o «ser» se possa ou não identificar. Assim sendo, o lugar é humanizado, ligando as questões socio físicas com as emoções.

De acordo com Montaner (1998, p. 38) o lugar relaciona-se com a ideia de percepção e experiência do corpo humano, distinguindo-se do espaço pela «experiência». Para este autor, nas últimas décadas a ideia de lugar tem-se vindo a modificar. Numa pequena escala, o lugar é entendido como “uma qualidade de espaço interior que se materializa na forma, na textura, na cor, na luz natural, nos objetos e nos valores simbólicos.”²⁷ Em grande escala associa-se ao conceito «*genius loci*».

2. O Lugar – Projetar com o Tempo

Pensar num «lugar», associando a dimensão humana, pressupõe também “um conteúdo cultural específico com relação particular com a História” (Pires, 2008, p. 95). O «lugar» pode ser então formado pela junção da dimensão humana com a dimensão temporal, onde arquitetar um lugar passará pela percepção da sua «essência».

No fundo, projetar num lugar implica que haja uma relação direta entre a Arquitetura e a paisagem, reconhecendo a presença do passado, criando um presente em conformidade com as necessidades do lugar, nunca esquecendo o futuro que se poderá vir a desenvolver. Estando o «lugar» diretamente relacionado com o «ser», este ganha, através do tempo, a sua própria vida

e, conseqüentemente, várias camadas, tanto pontuais como intemporais, todas importantes para a estruturação da sua identidade.

Segundo Norberg-Schulz (1979, p. 23) “o ato base da arquitetura é entender a ‘vocalização’ do lugar”²⁸. No fundo, no início de um projeto de arquitetura é o lugar, o terreno, quem representa o papel principal. O Homem quando representa a sua individualidade num dado ambiente não cria o seu próprio pensamento, mas sim a mistura da essência do lugar com a interpretação individual do lugar, conseguindo assim apropriar-se dele. Neste processo “nada eliminará a essência dos lugares, somente podemos prolongá-los, dar-lhes continuidade no sentido da História” (Fernandes, 2001, p. 13).

O papel da arquitetura encontra-se relevante na (re)criação de lugares, seguindo a vontade de originar o «habitar», podendo criar verdadeiros «locus», contendo o «*genius loci*». Pensar em arquitetura implica trabalhar sob uma «vida», pensando nos ambientes como um “contexto relevando a natureza através da modificação, medida e utilização da paisagem” (Vasconcelos, 2001, p. 42).

O lugar como ponto eleito para o projeto deve ser encarado como um “contexto estabilizado da paisagem construída, (...) como meio de transmissão às épocas seguintes, da forma e das opções que caracterizam momentos passados” (Oliveira, 1999, p. 141). Para Oliveira (1999, pp. 141-142), através da «memória» o lugar consegue conter a noção de «tempo», sendo esta uma estrutura essencial para a interação entre passado, presente e futuro. A memória é um «colector», conseguindo reunir histórias e mitos presentes no lugar, assim como um «produtor», em que junta a permanência, a continuidade e a tradição, com a inovação e a criação de novos modelos, quer estes sejam representados sob aspetos formais ou sob novos modos de realizar o «habitar».

Para Siza (2009, p. 317), projetar corresponde a “(...) uma grande viagem em espiral sem princípio nem fim”, onde se consegue estar em simultâneo dentro e fora do lugar. Inicialmente é essencial “olhar o sítio” onde “nessa progressiva visualização (leitura), (...) se vai estruturando o quase nada tão importante para além do pré-existente” (Siza, 2009, pp. 12-13), conseguindo assim a busca pela essência do lugar.

Assim sendo, as pré-existências, entendidas como os elementos físicos ou presentes na memória, ajudarão a configurar a essência de cada lugar. As estratégias de leitura do lugar podem ser várias, desde o desenho, a leitura de romances, até à compilação das várias memórias locais descritas em livros regionais. Todos estes gestos

“(...) estão carregados de história, de inconsciente memória, de incalculável anónima sabedoria” (Siza, 2009, p. 37).

Neste seguimento, para Pires (2008, p. 128), a Arquitetura deve permitir a “continuidade com o que a tradição de cada lugar configurou no desenrolar da sua história particular”. É na relação entre o «lugar» e a Arquitetura que se cria “um complexo de experiências caracterizantes do espaço de vida do Homem.”

A procura pela tradição e pelas características de cada lugar é visível nos trabalhos de alguns arquitetos do Movimento Moderno que, cientes das insuficiências da tecnologia, procuraram referências culturais que oferecessem um sentido à construção num dado local, respeitando os seus valores. Alguns exemplos destes arquitetos são Frank Lloyd Wright e Alvar Aalto pois relacionam “a obra com a envolvente natural, moldando o espaço ao programa e utilizando materiais tradicionais” (Montaner, 1998, p. 34).

3. Da Teoria à Prática

“A consciência do tempo tende a perverter-se na contemplação da ruína, no entendimento desde lugar, no contexto vertiginoso das mutações contemporâneas, como fragmento arqueológico, derradeiro representante da sua espécie.” (Lameiro, 1989, p. 1)

Sendo o lugar uma sobreposição do passado, presente e futuro, aponta-se como exemplo neste artigo o projeto do arquiteto Carlos Lameiro para a valorização da Igreja de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra²⁹. Iremos fazer uma breve incursão que nos permitirá entender o «porquê» de compreender o «lugar» como princípio do projeto de arquitetura, como «contexto». O projeto torna-se um complemento e um contributo à passagem do «tempo» no «lugar».

Neste projeto é apresentada a ideia da fusão dos vários tempos, em que segundo o arquiteto Carlos Lameiro (1989, p. 1) “da História, o lugar é palco único, embora nele se representem apenas partes, fragmentos e vestígios de cada história”. São estes os elementos essenciais para o entendimento do lugar e mote para o início da intervenção. Não se procura uma unificação do espaço, uma vez que este se apresentava descontinuo devido à sua génese rural. Invés à universalidade, o desejo pelo equilíbrio dos elementos oferece a devida harmonia ao lugar, reunindo a paisagem, as pré-existências e a construção nova.

A igreja, o museu-laboratório, os vestígios arqueológicos, a plataforma, os caminhos rurais,

²⁸ Tradução livre do autor.

²⁹ O projeto corresponde a um concurso de ideias de carácter público, realizado em 1989, tendo este alcançado o 3º Prémio.

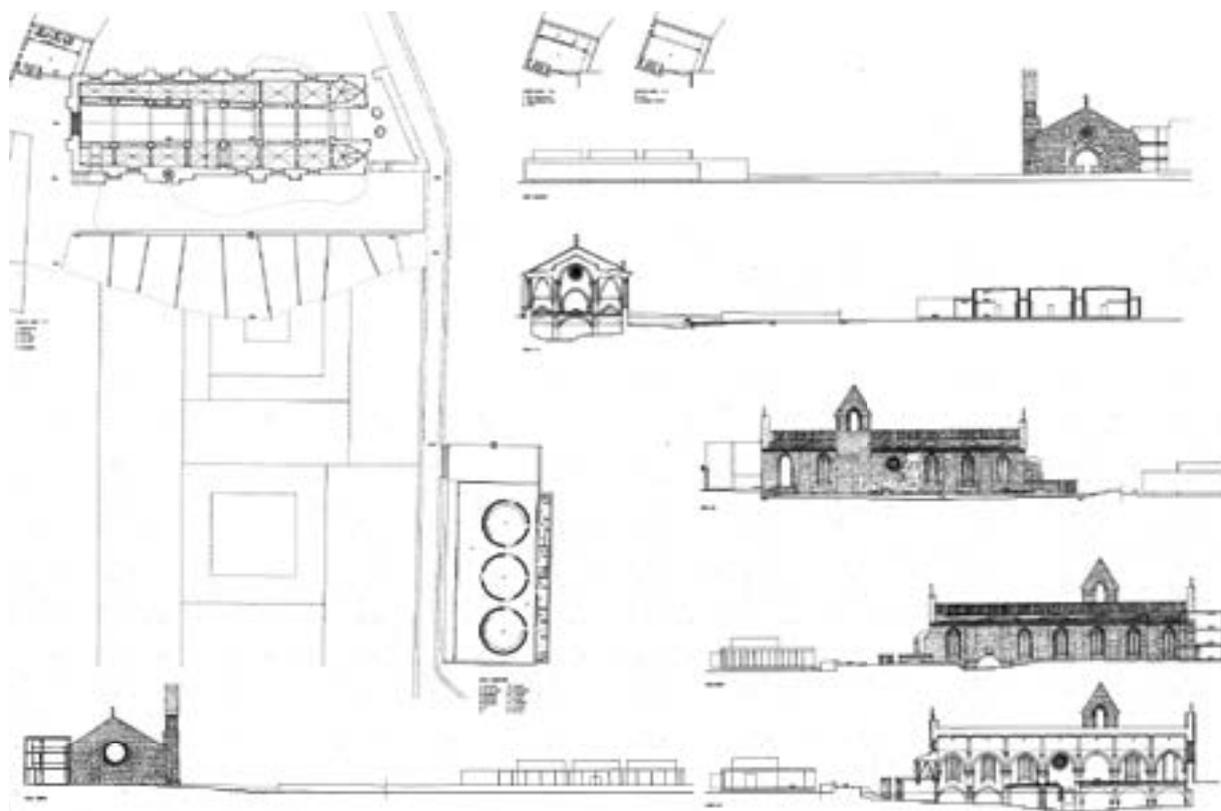


Figura 1- Painel de apresentação do concurso de ideias para a valorização da Igreja de Santa Clara-a-Velha, Coimbra, Arquiteto Carlos Lameiro, 1989. Elementos de escala mais aproximada do projeto. Vistas de integração da pré-existência, a igreja, com a construção nova, o museu-laboratório. Planta de arquitetura, onde se compreende as relações entre os vários elementos (charco, igreja, plataforma, adro, museu-laboratório)

Fonte: Lameiro, 2015, p. 28

o adro, o charco e a envolvente apresentam-se como os componentes da proposta. A Igreja apresenta-se como a primeira memória, cheia de tradições e transformações que os modelos culturais assim exigiam, onde “os elementos confirmam o entendimento desse lugar iniciando como um todo a ideia do projecto” (Lameiro, 1989, p. 1). O museu-laboratório, localizado junto ao caminho rural e de frente para os vestígios arqueológicos, representa a memória do presente, aquela que dará contemporaneidade ao lugar.

Os vestígios arqueológicos, descobertos durante a sua realização, são respeitados, representando um elemento que reforça o significado do lugar, onde se verifica a sobreposição dos tempos. Junto a estes cria-se uma plataforma que assegura a ligação entre o caminho rural e a cidade, permitindo um lugar de contemplação da igreja e da paisagem.

A água, elemento representado pelo charco, apresenta-se com especial destaque. Situado entre a igreja e a plataforma, o charco enche-se de

vida ao espelhar a igreja, representando ainda, ele próprio, um elemento em constante mutação.

Pode-se ainda afirmar que a construção nova – o museu-laboratório - acaba por conseguir interligar e dar a devida significância ao lugar, conseguindo uni-lo e transmitindo aos utilizadores a sua verdadeira essência, sendo “receptáculo da história que passou, lugar de produção de um futuro a partir dessa história” (Lameiro, 1989, p. 2). É no «antigo», na igreja, que se expõe o trabalho realizado no «novo», no laboratório e é no «novo» que se expõem vestígios do «antigo».

Notas conclusivas

A distinção objetiva do que é «espaço» e do que é «lugar», debatida por diversos autores, evidencia a preocupação que o Ser Humano tem em compreender o que o rodeia e o que lhe pertence, permitindo-se assim, encontrar o modo como habita verdadeiramente.

O lugar, *raum* afigura-se como um momento empírico e concreto, este alberga três dimensões: a «espacial», desenvolvida pelo conceito *spatium*, a «humana», em que a experiência dota o lugar da sua verdadeira essência e a «temporal» e onde o lugar se apresenta como uma sobreposição de acontecimentos.

No início do processo de «projetar com o lugar» as suas características, que agregam vários «tempos», sugerem orientações para que a obra arquitetónica se desenvolva de acordo com o contexto. São as pré-existências, as histórias, os mitos e até as vizinhanças que oferecem ao arquiteto o preenchimento da folha em branco no início da criação. É através da observação e da compreensão destes elementos e dos seus significados que o arquiteto consegue «agarrar» o lugar, repensando-o sem que este perca a sua identidade. No fundo, projetar no lugar implica (re)projetar a essência desse mesmo lugar.

Referências bibliográficas

- Alves, V. (1989), “Espaço” in AA.VV. Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Volume 2, Lisboa: Editorial Verbo, pp. 207-211.
- Augé, M. (2005), *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Lisboa: 90 Graus Editora.
- Fernandes, A. (2001), “Sentidos” in AA.VV. *Sebentas d’Arquitectura*, nº3, Lisboa, Universidade Lusíada Editora, pp. 11-14.
- Heidegger, M. (2002), “Construir, Habitar, Pensar”, in *Ensaios e Conferências*, Petrópolis: Editora Vozes, pp. 125-142.
- Lameiro, C. (2011), *Aula 13 – Espaço*, Aula de Laboratório de Projecto 2, disponibilizado à turma pelo docente em suporte pdf.
- Lameiro, C. (1989), *Memória Descritiva do Concurso de Ideias para a Valorização da Igreja de Santa Clara-a-Velha, Coimbra*, disponibilizado à turma pelo docente em suporte pdf.
- Lameiro, C. (2015), *O LADO das Ideias e o LADO dos Desenhos nos Projectos do Património*, Aula de Seminário de Apoio ao Projecto Final, disponibilizado à turma pelo docente em suporte pdf.
- Montaner, J. (1998), *La modernidade superada – Arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Muntañola, J. (1996), *La arquitectura como lugar*, Barcelona: Universidad Politècnica de Catalunya.
- Norberg-Schulz, C. (1979), *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, New York: Rizzoli.
- Oliveira, M. (1999), “A re(visão) da memória na cidade destruída. Síntese crítica sobre o plano de intervenção actual”, *Revista de História, Estética e Fenomenologia da Arquitectura e do Urbanismo*, Lisboa: Grupo de Estudos de História de Arquitectura, pp. 141-148.
- Pires, A. (2008), *Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa*, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa,
- Rivas, J. (1992), *El espacio como lugar: sobre la naturaleza de la forma urbana*, Valladolid: Secretariado de Publicaciones.
- Rossi, A. (1977), *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa, Edições Cosmos.
- Siza, A. (2009), *Textos 01 – Álvaro Siza*, Porto: Civilização Editora.
- Vasconcelos, J. (2001), “Do sítio ao lugar” in AA.VV. *Sebentas d’Arquitectura*, nº3, Lisboa: Universidade Lusíada Editora, pp. 39-45.